



Fé e Ciência? Trecho da *Carta a Dom Benedetto Castelli: uma análise Crítica*¹

Faith and Science? Excerpt from the Letter to Dom Benedetto Castelli: A Critical Analysis

Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos

Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência SPBC,

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-1861-0902>

E-mail: douglaspesquisador@gmail.com

*Viri Galilei, quid statis adspicientes in coelum?*²

Resumo

Este ensaio com enlace na *Filosofia da Renascença*, tem como objeto de análise, observar um trecho da *Carta a Dom Benedetto Castelli* escrita por Galileu Galilei, em 1613. Castelli, docente de Matemática da Universidade de Pisa, também discípulo e colaborador de Galileu. Em meio ao universo dos documentos lidos e analisados nas aulas, essa carta nos pareceu uma fonte bastante interessante para a elaboração da presente análise, uma vez que pode ser entendida como uma síntese das principais questões que envolveram Galileu e que foram discutidas durante esta reflexão.

Palavras-chave: Filosofia; Fé e ciência; Galileu Galilei.

Abstract

This essay, linked to the Renaissance Philosophy, aims at analyzing an excerpt from the Letter to Monsignor Benedetto Castelli written by Galileo Galilei in 1613. Castelli, professor of Mathematics at the University of Pisa, was also a disciple and collaborator of Galileo. Among the universe of documents read and analyzed in class, this letter seemed to us a very interesting source for the preparation of this analysis, since it can be understood as a synthesis of the main issues that involved Galileo and that were discussed during this reflection.

Keywords: Philosophy; Faith and Science; Galileo Galilei.

¹ Este trabalho foi apoiado pelo Santander Universidades

² Homens da Galiléia, por que vocês ficam olhando para o céu?



Primeiramente deixemos claro a seguinte afirmativa: Não há divergências entre ciência e fé entre as reflexões de Galileu, de forma pontual não se tem a pretensão de esgotar este tema aqui. Observemos como a presente carta foi elaborada com maestria por Galileu tanto em termos dialéticos quanto retóricos. Sobre isso, relembremos uma passagem da introdução à natureza da retórica de Aristóteles, na qual ela afirma que: “todas as pessoas (...) tentam em certa medida questionar e sustentar um argumento [dialética], defender-se ou acusar [retórica]”. (*Retórica*, 1354a)

Ao decidir tê-la como objeto de análise, uma das dificuldades encontradas foi estabelecer um recorte temático, já que seu conteúdo é amplo e de grande riqueza. Entretanto, era sabido que esse recorte era necessário para que se pudesse construir uma análise que oferecesse algo a mais do que simplesmente observações gerais sobre ela.

Este recorte começou a se delinear quando lido, no início da carta, a passagem na qual Galileu diz ao amigo que pretende:

considerar em geral algumas coisas a respeito de trazer a Sagrada Escritura em discussões de conclusões naturais; e algumas outras em particular sobre passagem de Josué (...) como contradição à mobilidade da Terra e estabilidade do Sol” (p. 18)

Das duas considerações, a saber: a respeito de se trazer a Sagrada Escritura em discussões de conclusões naturais e as da utilização da passagem de Josué para contraditar a ideia da “mobilidade da Terra e estabilidade do Sol”, optou-se pela primeira, portanto, não será feito a análise do conteúdo referente à passagem de Josué.

Aqui a questão primordial que enlaça o debate entre Ciência e Fé foi um dos temas que mais foi fitado porque, para além das questões envolvendo Galileu, é sempre possível que emergam questões que se ramifiquem diante das interpretações em volta do tema.



A Sagrada Escritura não pode mentir, sempre que se tenha penetrado o sentido. (...) do que se segue que, toda a vez que alguém, ao expô-la, se ater ao som literal nu, poderia, errando este alguém, fazer aparecer nas Escrituras não só contradições e proposições afastadas da verdade, mas graves heresias e blasfêmias (GALILEI, 1988, p.48).

Nesse debate, Galileu é uma figura paradigmática porque ele não pode, pura e simplesmente, ser alinhado a um dos lados que estavam em contenda, pois, se é certo dizer que ele era um ferrenho defensor da Ciência, não é menos certo afirmar que era também um homem de fé. Galileu, figura humana complexa, buscava ao mesmo tempo defender suas ideias filosófico-científicas e conservar sua fé/formação religiosa.

Foi com olhar no debate entre Ciência e Fé que procedemos a seleção de um trecho da carta que nos permitisse acompanhar um argumento de Galileu sobre a legitimidade ou não do uso da “Sagrada Escritura em discussões de conclusões naturais”.

Abaixo, o trecho selecionado:

“...a Sagrada Escritura não pode nunca mentir ou errar, mas serem os seus decretos de absoluta e inviolável verdade. Só teria acrescentado que, se bem a Escritura não pode errar, não menos poderia às vezes errar algum dos seus intérpretes e expositores, de vários modos. Entre estes, um seria muitíssimo grave e frequente; quando quisesse deter-se sempre no puro significado das palavras; porque, assim, apareceriam aí não apenas diversas contradições, mas graves heresias e mesmo blasfêmias. Posto que seria necessário dar a Deus pés, mãos e olhos e não menos afecções corporais e humanas como de ira, de arrependimento, de ódio e mesmo, às vezes, de esquecimento das coisas passadas e de ignorâncias futuras. Donde, assim como na escritura encontram-se muitas proposições, as quais, quanto ao sentido nu das palavras, têm aparência diversa do verdadeiro, mas foram apresentadas deste modo para acomodar-se à incapacidade do vulgo, assim, para aqueles poucos que merecem ser separados da plebe, é necessário que os sábios expositores mostrem os sentidos verdadeiros e acrescentem-lhes as razões particulares porque foram proferidos sob tais palavras”. (p. 19)

Ao dividir o trecho selecionado de modo a poder acompanhar, passo a passo, a construção do argumento de Galileu e a análise que dele empreendemos. Para facilitar essa exposição, observemos de modo enumerado o trecho em questão.



1. *“a Sagrada Escritura não pode nunca mentir ou errar, mas serem os seus decretos de absoluta e inviolável verdade”.*

Essa passagem faz referência ao que teria declarado Castelli, diante de Cristina de Lorena, mãe do Grão-Duque da Toscana, quando de uma discussão sobre o sistema copernicano. Sobre isso, Galileu concorda plenamente com Castelli, pois para eles a autoridade da Sagrada Escritura não está em questão porque tudo o que nela se encontra é a “mais absoluta e inviolável verdade”. Até aqui, Galileu apenas reafirma sua fé nas escrituras.

2. *Só teria acrescentado que, se bem a Escritura não pode errar, não menos poderia às vezes errar algum dos seus intérpretes e expositores, de vários modos.*

Ainda se referindo ao que fora dito por Castelli, Galileu nos diz que “se bem a Escritura não pode errar” os seus intérpretes e expositores das escrituras podem cometer erros. Galileu, apoiado na ideia da falibilidade humana abre uma brecha que lhe permite sustentar a verdade das escrituras e ao mesmo tempo abrir uma possibilidade de erro que adviria dessa condição tão característica dos Homens. A Santa Escritura, portanto, é a Verdade, porém a escritura pode ser interpretada e/ou exposta de forma errônea devido à nossa falibilidade.

- 2.1 *Entre estes, um seria muitíssimo grave e frequente; quando quisesse deter-se sempre no puro significado das palavras;*

Nessa passagem, ele põe em destaque uma das formas de erro que se comete, indicando inclusive a sua frequência e gravidade, que é interpretar e/ou expor as Santas Escrituras atendo-se ao “puro significado das palavras”, em outros termos, interpretar o texto literalmente.



2.2 *porque, assim, apareceriam aí não apenas diversas contradições, mas graves heresias e mesmo blasfêmias.*

Ater-se ao puro significado das palavras é um erro cujas consequências seriam não só interpretações contraditórias das escrituras, mas também heresias e blasfêmias.

2.3 *Posto que seria necessário dar a Deus pés, mãos e olhos e não menos afecções corporais e humanas como de ira, de arrependimento, de ódio e mesmo, às vezes, de esquecimento das coisas passadas e de ignorâncias futuras.*

Galileu, nessa passagem, nos dá o exemplo que Deus poderia, se o texto das Sagradas Escrituras for tomadas de forma literal, ser caracterizado moral e fisicamente como nós.

Das premissas anteriores, Galileu conclui que:

3. *Donde, assim como na escritura encontram-se muitas proposições, as quais, quanto ao sentido nu das palavras, têm aparência diversa do verdadeiro, mas foram apresentadas deste modo para acomodar-se à incapacidade do vulgo, assim, para aqueles poucos que merecem ser separados da plebe, é necessário que os sábios expositores mostrem os sentidos verdadeiros e acrescentem-lhes as razões particulares porque foram proferidos sob tais palavras.*

Sua conclusão está balizada filosoficamente pelos conceitos de *essência* e *aparência*³. Uma interpretação que se atenha “ao sentido nu das palavras” estará no âmbito da aparência e não alcançará a essência, ou seja, a Verdade de suas proposições.

³ A essência é interna, profunda, densa, aquilo que é base, é aquilo que é. Essência é da ordem da realidade. Aparência é da ordem da vaidade.



Ele fecha a conclusão de seu argumento afirmando que, o modo aparente pelo qual as proposições da Sagrada Escritura foram construídas surgiu da necessidade de ela ajustar-se ao entendimento do “vulgo”, ou seja, do povo. E por fim, aqueles poucos que “merecem ser separados da plebe”, os sábios, não devem só explicar por que as Sagradas Escrituras foram constituídas assim, mas também indicar qual o “sentido verdadeiro” de suas proposições.

Considerações finais

Galileu, para construir seu argumento que visava demonstrar porque não se devia “trazer a Sagrada Escritura em discussões de conclusões naturais”, alicerçou-o sobre duas premissas principais. A primeira, a ideia de que a Sagrada Escritura é a Verdade. A segunda, a de que o erro, não estando nela, está no modo pelo qual as pessoas a interpretam.

Em seguida, prossegue apontando um dos erros mais comuns e recorrentes que é o da interpretação literal das palavras da Santa Escritura. Erro que pode gerar contradições, heresias e blasfêmias. Para demonstrar isso, ele nos diz que, tomando literalmente as escrituras, poderíamos construir uma imagem de um Deus que seria moralmente e fisicamente igual ao Homem.

De tudo isso conclui que, a interpretação literal é um erro porque ela não alcança a essência da Sagrada Escritura. Além disso, afirma também que os sábios cabe o papel de dar o verdadeiro sentido dela.

Assim, Galileu conseguia preservar a Verdade da Sagrada Escritura e, ao mesmo tempo, abrir um caminho que lhe permitia mostrar às pessoas porque elas não deveriam utilizá-la para contraditar as verdades científicas. Cabe alertar que na atualidade, essa nossa



sensação de educação em ciências (se ela) se fixar apenas na crítica de neutralidade epistêmica, para onde iremos?

Referências

GALILEI, Galileu. *Ciência e fé*. Rio de Janeiro: Nova Stella Editorial, 1988.

MONDINI, Batista. *Curso de filosofia*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1981.

PESTANA DOS SANTOS, D. M. A. de A.; DIJAN COQUI, A. Novos contextos pedem novas posturas: a avaliação em tempos de pandemia. **Revista Amor Mundi**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 41–49, 2021. DOI: 10.46550/amormundi.v2i1.36. Disponível em: <https://journal.editorametrics.com.br/index.php/amormundi/article/view/36> Acesso em: 16 nov. 2022

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia*. São Paulo. Paulinas, 2005. v. II

SANTOS, D. M. A. D. A. P. D. TEORIA DO CAOS E A NÃO LINEARIDADE NO CONTEXTO DA PANDEMIA DIANTE DA SENSIBILIDADE AS AÇÕES HUMANAS: UMA REFLEXÃO SOBRE AS MUDANÇAS EDUCACIONAIS. **Conexão ComCiência**, [S. l.], v. 1, n. 3, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/conexaocomciencia/article/view/5336> . Acesso em: 16 nov. 2022.